

# Deu tilt

O ROMPIMENTO ENTRE MORO E BOLSONARO PROVOCA UMA CRISE DE IDENTIDADE NOS "CIDADÃOS DE BEM"

por VICTOR CALCAGNO

**"P**aguei mico de robô, sim, porque acreditei que você não seria mais do mesmo, mas você nos enganou, Bolsonaro, você nos enganou."

O vídeo protagonizado pela ativista Ana Cláudia Graf, em que aparece chamando Jair Bolsonaro de "traidor" durante sete minutos, seria mais um dos que encheriam as redes sociais no dia 24 de abril, quando o ex-ministro da Justiça Sérgio Moro pediu demissão do cargo, não fosse por um detalhe que o fez viralizar. Durante a campanha de 2018, Graf e outros eleitores bolsonaristas apareciam em uma filmagem antes do pleito, na qual, fazendo movimentos robóticos, um a um e, em fila, repetiam: "Sou robô do Bolsonaro". Era uma referência aos perfis falsos usados para turbinar a popularidade do então candidato nas redes.

O desabafo da "robô arrependida", como o conteúdo passou a ser chamado na internet, rendeu a Graf ameaças provenientes do que ela

**JOSÉ ARLAN,  
EMPRESÁRIO:  
"ME SENTI  
ESPECIALMENTE  
TRAÍDO COM  
O QUE VI NAS  
MENSAGENS  
TROCADAS  
ENTRE OS DOIS"**



O Acampamento Lava Jato agora se chama Acampamento com Bolsonaro

chama de "a força do gabinete do ódio", fato pelo qual a ativista prefere não se manifestar, mesmo dizendo "não estar arrependida de nada" que tenha dito. Na metade dos sete minutos em que ataca o ex-capitão, aparece a frase dirigida ao mandatário e que parece resumir o racha nas hostes bolsonaristas: "Meu limite com o seu governo era o Moro".

São dezenas as páginas em redes sociais que, desde a posse de Bolsonaro, se dedicam a compilar manifestações de ex-apoiadores arrependidos do presidente, mas a movimentação nunca foi tão intensa quanto após as desavenças com Moro, quando o apoio se dividiu entre aqueles fiéis à herança lava-jatista, anterior à popularização do ex-capitão, e os bolsonaristas *ad hoc*. Segundo pesquisa do Datafolha divulgada na terça-feira 28, na troca de acusações entre ambos no dia da demissão, cuja origem vem da tentativa de interferência de Bolsonaro na Polícia Federal, aqueles que acreditam que Moro falou mais a verdade somam 52%, em comparação aos 20% que creem ser Bolsonaro quem está com a razão. Além do arrependimento de Graf, outro vídeo de sucesso mostra um ativista arrancando dezenas de adesivos em apoio ao presidente que enfeitavam seus dois carros "desde a época da campanha". O ritual é acompanhado de queixas e uma surpresa:

"Na época do PT, a Polícia Federal tinha mais autonomia que hoje? Como assim?"

Os conteúdos também não demoraram a surgir do lado oposto, com ambas as partes assumindo a preferência por uma palavra comum, "traidor". Em um desses vídeos, uma mulher aparece quebrando uma caneca com o rosto de Moro e, em outro, um senhor queima a camiseta verde-amarela com a frase *In Moro We Trust*, acompanhados, nos dois episódios, de grandes manifestações



Para que lado?  
O que eu faço agora?  
Alguém me ajuda?

da política econômica até então e as “posturas que não condizem com o cargo”, em referência à recente declaração de Bolsonaro, segundo a qual o quarto filho teria “saído com metade do condomínio”. A divisão foi clara no grupo bolsonarista de mensagens que Arlan frequentava, no qual, relata, saíram cerca de 50% dos participantes após a demissão de Moro. Na opinião do empresário, os que ficam insistem no apoio ao presidente por uma lógica “semelhante àquela do traído que não quer enxergar” e que separa apoiadores e não apoiadores em uma perspectiva que “não tem espaço para o contraditório”.

**A**o emular a divisão das claque de Moro ou Bolsonaro, a mesma pesquisa Datafolha perguntou sobre a concordância ou não em se abrir um processo de *impeachment* contra o ex-capitão. Para 48%, nenhum dos pedidos para o impedimento deveria ser considerado pelo presidente do Congresso, Rodrigo Maia, enquanto 45% acreditam que o processo deveria ter início imediato. Em declarações depois da saída de Moro, Maia preferiu colocar panos quentes no assunto, afirmando que “é preciso pensar com cuidado”, que não é saudável “ter pressa” e que o foco no momento é o combate à pandemia.

Nas redes bolsonaristas, não é raro, porém, encontrar a hipótese de que a intenção de Moro com a demissão foi clara: distanciar-se do antigo chefe para se candidatar em 2022. As apostas de quem seria o vice podem variar entre esses apoiadores, mas parecem seguir a mesma lógica – ou de falta dela – de traição que acusa o ex-ministro, como na sugestão de uma chapa que uniria Moro e Luiz Henrique Mandetta, mesmo sem qualquer indício que aponte para a aliança real. •

de indignação. Com maior repercussão, integrantes do antigo Acampamento Lava Jato, que apoiavam o ex-juiz *in loco* durante as investigações empreendidas de Curitiba, apareceram em uma gravação na qual anunciaram que o nome do movimento havia sido alterado para “Acampamento com Bolsonaro”. Com maçaricos e aos gritos de “queima a cara dele” ou “desarmamentista”, o grupo formado apenas por mulheres incendia antigas camisetas dedicadas a Moro, em uma fogueira abanada pela bandeira do Brasil.

O racha na base bolsonarista carrega no cerne a herança do antipetismo, fato não raramente levantado por milhares de eleitores do atual presidente como motivo pelo voto em Bolsonaro. Entre eles está José Arlan, empresário no ramo de alimentos em Salvador. Arrependido do apoio ao ex-capitão durante as eleições de 2018, antes das quais “jamais tinha ouvido falar” nele, o combate à corrupção é o

que aponta como motivo tanto de seu suporte inicial quanto de sua decisão em abandonar o chefe do Executivo e continuar ao lado de Moro. A ideia de que essa “promessa” seria cumprida à risca na nova gestão caiu por terra, segundo Arlan, no momento em que a interferência na PF pareceu-lhe indicar práticas ilegais para proteger indevidamente integrantes da família presidencial – os filhos Carlos, Eduardo e Flávio são investigados por motivos diferentes pelas autoridades. “Me senti especialmente traído com o que vi nas mensagens de Bolsonaro a Moro, dizendo que não queria que investigassem deputados da base, isso é que é combater a corrupção?”, diz Arlan em referência aos diálogos trocados entre os antigos aliados, revelados pelo ex-ministro.

Ainda segundo o empresário, antes da “gota-d’água”, o copo não parava de encher por causa das declarações contra o isolamento social, os “fracos resultados”